

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Ph. W. C. Vasconcelos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 10

Janeiro-Fevereiro de 1935

N. 1 - 2

A CIDADE E O SERTÃO

Em 1900, o Rio de Janeiro tinha setecentos mil habitantes. Dez anos depois, sua população subia a perto de novecentos mil. Em 1920, era de 1.147.000 o número de almas aqui existentes. Em 1930, esse numero já beirava os dois milhões que hoje, 1935, são uma realidade.

Quer dizer, em trinta anos a população da Capital Federal, a cabeça do Brasil, cresceu mais de duas vezes e meia.

Dos quarenta milhões de brasileiros, vivendo numa extensão superior a oito milhões de quilometros quadrados — dois milhões se concentram no Rio, ou seja a vigésima parte!

E isso não é nada, porque a tendencia é de aumentar tal desproporção prejudicial. O indice de crescimento da capital é maior do que o do Brasil, menos sua cabeça.

Ha mais ainda. Esse crescimento rápido não é tanto o resultado da multiplicação de seus proprios habitantes. E' tambem a consequencia da corrente emigratoria, que se estabeleceu, de uns quinze anos para cá, intensamente, partindo dos Estados, principalmente do norte e de Minas Gerais.

Do norte, então, a descida é bem acentuada, embora seja ela constituída, em sua maioria, do elemento mais capaz, mais inteligente, mais empreendedor.

Ora, esse despovoamento do interior, e esse congestionamento da capital litoranea, são fenomenos que não estão sendo encarados pelos nossos homens públicos, com

atenção nenhuma. Eles talvez o ignorem. Ou si o conhecem certamente que o tomam como um extraordinario indicio de progresso : precisamos ter uma capital monstro!

Sim, precisamos ter uma grande capital, mas não com evidente prejuizo da nação inteira.

Devemos responsabilizar ao serviço militar e á má educação, esse exodo de efeito acentuadamente negativista. Não são os factores unicos, mas são precisamente aqueles que podem ser influenciados pelo poder publico. Este, o que está fazendo é criar as melhores condições de confôrto, de bem estar, de prazeres materiais para o habitante do Rio, com o mais solene desprêso pelo sertão. Sertão, aliás que começa na Baixada Fluminense, onde se morre mais de impaludismo do que hoje na Amazonia.

A defesa da saude pública, só a conhece o cidadão da capital federal. No entretanto, o serviço é pago pelos cofres da nação e o Rio de Janeiro é uma entidade com os maiores recursos financeiros do país. Nela, até o frango que se consome paga um imposto de sanidade á municipalidade, fora os outros impostos já alhures inventados.

O resto do país que se fomenta. O dinheiro do tesouro nacional é pouco para tornar o Rio uma cidade catita.

E, para agravar o mal, inventou-se agora o Turismo, que está nos custando os olhos da cara, e o carnaval carioca passou a ser uma das mais serias cogitações nacionais.

Ora, em face disto, é logico que o homem do sertão, mal aprenda a lêr, comece a fazer força para vir para o Rio, onde ele tem tudo quanto sua educação superficial lhe permite aspirar: uma cidade bonita e o carnaval...

Resultado : falta de capitais e de braços nos meios de producção agricola, e uma legião de "sem trabalho" no Rio de Janeiro, onde os bancos não sabem o que fazer do dinheiro que lhes entregam para guardar...

JOÃO ANDRE' ANTONIL